

INTERTEXTUALIDADE E RELIGIÃO EM *DAS GLÜCK* DE WILHELM ROTERMUND

Imgart Grützmann¹
Mateus Klumb²

Resumo

Neste artigo objetiva-se analisar os intertextos no conto *Das Glück*, de Wilhelm Rotermund, publicado no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* para o ano de 1882, como elementos estruturantes da narrativa e como formas de mobilização de sentidos para os leitores. Para tanto, parte-se da noção de transtextualidade e intertextualidade de Gérard Genette (1982) e Laurent Jenny (1979). Wilhelm Rotermund (1843-1925), natural de Stemmen/Hannover, doutor em teologia pela Universidade de Jena, emigrou para o Brasil em 1874 para atuar como pastor na Comunidade Evangélica de São Leopoldo/RS. Nessa localidade, Rotermund também foi livreiro, jornalista, escritor e organizador do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, almanaque que circulou de 1881 a 1918 e de 1920 a 1941, no qual publicou seus contos.

Palavras-Chave: Wilhelm Rotermund. *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Transtextualidade e intertextualidade. Religião evangélica.

INTERTEXTUALITY AND RELIGION IN *DAS GLÜCK*, BY WILHELM ROTERMUND

Abstract

This article analyze the intertexts mobilized in Wilhelm Rotermund's *Das Glück*, published in the *Kalender für die Deutschen in Brasilien* for 1882, as structuring elements of the narrative and as ways of mobilizing meanings for readers. To do so, one starts from the notion of transtextuality and intertextuality of Gérard Genette (1982) and Laurent Jenny (1979). Wilhelm Rotermund (1843-1925), born in Stemmen/Hannover, a doctor of theology from the University of Jena, emigrated to Brazil in 1874 to act as pastor in the evangelical community of São Leopoldo/RS. In this locality he was also a bookseller, journalist, writer and organizer of the *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, almanac, which circulated from 1881 to 1918 and from 1920 to 1941, in which he published his short stories.

Keywords: Wilhelm Rotermund. *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Transtextuality and intertextuality. Evangelical religion.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora associada e pesquisadora do Centro de Letras e Comunicação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do projeto de pesquisa "História, cultura e identidade" no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (1881-1918; 1920-1941) no Centro de Letras e Comunicação da UFPel. E-mail: imgart@terra.com.br.

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. Graduado em Letras Português e Alemão pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atua no projeto de pesquisa "História, cultura e identidade no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (1881-1918; 1920-1941), coordenado pela profa. Dra. Imgart Grützmann no Centro de Letras e Comunicação da UFPel. E-mail: klumbmateus23@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo objetiva-se analisar o conto *Das Glück*³ [A felicidade], de Wilhelm Rotermund, publicado originalmente no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os Alemães no Brasil] para o ano de 1882. A sua análise centra-se na transtextualidade (GENETTE, 1982), especificadamente na intertextualidade e na arquitextualidade, e no modo como ela atua na economia interna da narrativa, especialmente na formação da personagem e na transmissão de ensinamentos religiosos.

A transtextualidade, na acepção de Gérard Genette, consiste em “tudo o que coloca [o texto] em relação manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 1982, p. 7), podendo ocorrer por meio de intertextos, paratextos, metatextos, hipertextos e arquitextos. A arquitextualidade Genette define como “o conjunto das categorias gerais ou transcendentais – tipos de discursos, modos de enunciação, gêneros literários, etc. – de que depende cada texto singular” (GENETTE, 1982, p. 7). A intertextualidade, por sua vez, Genette entende como “uma relação de co-presença entre dois ou mais textos, quer dizer, essencialmente, e o mais frequentemente, como a presença efetiva de um texto em outro texto” (GENETTE, 1982, p. 8) por meio dos procedimentos de citação, plágio, alusão, entre outros.

Na ótica de Laurent Jenny, essa presença obedece a um limite mínimo, pois para ele é apropriado falar de intertextualidade “tão só desde que se possa encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente, mas seja qual for o seu nível de estruturação” (JENNY, 1979, p. 14). Em *Das Glück*, a série de intertextos presentes em sua tessitura constituem-se de citações, geralmente em destaque na diagramação do conto. Segundo a classificação das modalidades de intertextualidades proposta por Genette (1982), a citação é “a forma mais explícita e literal, a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referências precisas)” (GENETTE, 1982, p. 8). Esses intertextos são versículos oriundos do Novo Testamento e, predominantemente, excertos de poemas, alguns de tendência romântica, escritos em sua quase totalidade por autores da Alemanha, cujas obras foram publicadas entre o final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Na análise de *Das Glück*, o foco não reside apenas no mapeamento da intertextualidade, mas também em operações próprias do trabalho intertextual, visto que, segundo Laurent Jenny,

³ Trabalha-se com a tradução do conto publicado em Rotermund (1997), mas cotejado com o original em alemão (ROTERMUND, 1882). As demais traduções do alemão e as do francês foram efetuadas pelos autores do artigo.

“a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido” (JENNY, 1979, p. 14). No que tange à construção intertextual do conto de Rotermund, ela segue o tipo mais corriqueiro que, segundo Jenny, “é aquele em que a multiplicidade dos discursos se aloja numa moldura narrativa coerente, até tradicional, o que impede a obra de proliferar ao acaso das formas recuperadas, e sossega o leitor” (JENNY, 1979, p. 25). Dentro desse viés, na narrativa em questão “as citações são motivadas do ponto de vista narrativo” (JENNY, 1979, p. 26), estando, assim, diretamente relacionadas ao transcurso das ações e à própria estruturação da ficção.

Ainda relativo a esse trabalho intertextual, as citações sofrem um tratamento similar a qualquer intertexto ao ser integrado em outro texto, cuja finalidade consiste em “normalizá-lo, assegurar a sua inserção num novo conjunto textual” (JENNY, 1979, p. 31). Esse tratamento consiste no que Jenny denomina de engaste, ou seja, a ligação do fragmento textual ao seu novo contexto, que pode acontecer por meio de uma conexão de ordem semântica. Dentre essas modalidades de engaste, destacam-se no conto a isotopia metonímica, a qual ocorre quando “um fragmento textual é utilizado, chamado, porque permite prosseguir com uma precisão muitas vezes ‘em primeira mão’ o fio da narração” (JENNY, 1979, p. 35, aspas do autor) e a isotopia metafórica, cuja ocorrência dá-se no momento em que “um fragmento textual é convocado por analogia semântica com o contexto” (JENNY, 1979, p. 35).

Na análise da transtextualidade, a par dos tópicos relativos à retomada, apropriação e estruturação dos textos no novo texto com o qual dialogam, é necessária ainda a avaliação da intencionalidade inerente a esse tipo de trabalho textual. Para Tânia Carvalhal “a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente [...] toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa” (CARVALHAL, 1992, p. 53). Essa finalidade a autora assim especifica: “quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa” (CARVALHAL, 1992, p. 53-54).

2 DAS GLÜCK E O PROJETO DE FORMAÇÃO DE WILHELM ROTERMUND

Em *Das Glück*, é narrada a trajetória de um jovem, sem nome na narrativa, que, no século XIX, emigra de sua *Heimat*⁴ [terra natal, torrão, querência ou lar] na Alemanha para o Brasil em busca da felicidade, substantivo abstrato esse que dá título ao conto. Trata-se de um percurso pessoal, marcado por uma série de mudanças e percalços, que pode ser dividido em oito fases. Essa busca leva a personagem, ao término de uma crise existencial, a compreender a verdadeira felicidade em consonância com o significado defendido pelo narrador. A narração desse percurso da personagem, que engloba geograficamente a Alemanha e o sul do Brasil, é efetuada por um narrador heterodiegético, cuja relação com o narrado consiste no relato de “uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão” (REIS; LOPES, 1987, p. 254-55).

O narrador vale-se também da narração ulterior, isto é, “aquele acto narrativo que se situa numa posição de inequívoca posteridade em relação à história. Esta é dada como terminada e resolvida quanto às acções que a integram” (REIS; LOPES, 1987, p. 248). Essa narração ocorre durante uma noite de verão no sul do Brasil, que ainda traz como outro traço característico as intrusões do narrador, isto é, “seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 1985, p. 27). Esse narrador heterodiegético intruso, na articulação de sua narração ulterior das diversas fases da busca da felicidade do jovem alemão, entremeia esse percurso com a arquiteitualidade⁵ e intertextualidade.

Os recursos literários mencionados desempenham um papel central na construção do tema de *Das Glück*, ou seja, “as significações dos elementos particulares da obra constituem uma unidade que é o tema (aquilo de que se fala)” (TOMACHEVSKI, 1978, p. 169). Nesse conto tematiza-se a impossibilidade de o ser humano encontrar a felicidade na terra, nem mesmo por meio do amor e da *Heimat*, pois o mundo oferece apenas inquietações e turbulências. Na ótica do narrador, a verdadeira felicidade somente é possível a partir da vivência das palavras do Evangelho, pois Cristo venceu as tribulações terrenas, concedendo aos crentes a paz divina. Por essa temática, observa-se que o conto foi colocado a serviço da

⁴ Segundo a antropóloga cultural Ina-Maria Greverus (1995, p. 24), “entende-se, ou almeja-se, como *Heimat* um espaço vital, no qual são satisfeitas as necessidades de identidade (de auto-conhecimento, reconhecimento e aceitação), de segurança material e emocional e de atividade e estímulo, um território, do qual as pessoas se apropriam e plasmam ativamente, o qual transformam em *Heimat* e no qual podem-se organizar”.

⁵ A transtextualidade é um recurso utilizado por Rotermund em outros contos, dentre eles *Täuschungen* [Ilusões], publicado no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* para o ano de 1881. Nele, a transtextualidade está a serviço da construção de uma identidade feminina alemã evangélica e no reforço de um paradigma religioso e de valores a ele associado, conforme demonstra a análise de Imgart Grützmann e Evelise Kunzler (2011).

doutrinação religiosa e do avivamento da fé dos leitores do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, conforme os propósitos almejados por Rotermund em suas atividades.

Wilhelm Rotermund⁶ (1843-1925), natural de Stemmen/Hannover, Alemanha, doutor em teologia pela Universidade de Jena, veio em dezembro de 1874 ao Rio Grande do Sul para atuar como pastor na Comunidade Evangélica de São Leopoldo/RS, à frente da qual permaneceu de 1875 a 1918. Nessa localidade, ao lado de suas atividades pastorais, Rotermund dedicou-se ao comércio livreiro, fundando, em 1877, a *Evangelische Buchhandlung* [Livraria Evangélica], mais tarde Rotermund & Co, livraria especializada na oferta de opções de leitura em língua alemã oriundas principalmente da Alemanha, entre elas obras de teor religioso (GRÜTZMANN, 2017).

Em São Leopoldo, Rotermund ainda foi atuante na imprensa em língua alemã por meio da edição de periódicos direcionados primordialmente aos imigrantes alemães e seus descendentes de confissão evangélica, entre eles o jornal *Deutsche Post* [Correio Alemão], que circulou de 1881 a 1917 e de 1919 a 1928, e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os Alemães no Brasil], editado para os anos de 1881⁷ a 1918 e de 1920 a 1941 (KUDER, 1936-1937; GRÜTZMANN, 2004). Por meio da veiculação de opções de leitura de língua alemã em periódicos e livros para o mencionado público leitor, Rotermund almejava atingir metas para além da informação e do entretenimento inerentes ao ato de ler. Orientavam suas atividades, incluindo a criação do almanaque e produção literária de sua autoria, “edificar, fortalecer e defender os cristãos evangélicos no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul” (DREHER, 2003, p. 84), bem como “o fortalecimento e a preservação da germanidade [*Deutschtum*]” (DREHER, 2003, p.84), a identidade étnica alemã.

A fim de atingir esses objetivos por meio do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, Rotermund escreveu para esse almanaque um conjunto de textos, dentre eles produções literárias, especialmente contos, que vieram a lume em suas páginas entre 1881 a 1897. Assim, esses textos eram resultantes também “da dupla vontade, a qual configurou toda a vida e labuta de seu autor, a alemã e a cristã” (FAUSEL, 1936, p. 49), as quais integravam um conjunto maior de opções de leitura a serviço dessas mesmas metas, disponibilizado no mencionado periódico. Nesse sentido, Dreher salienta que Rotermund, por meio de seus contos, “procurava conquistar seus leitores para a vida cristã nas famílias e na sociedade, propalando a educação da juventude”

⁶ Para os dados biográficos de Wilhelm Rotermund, utilizou-se a biografia elaborada por Erich Fausel (1936).

⁷ Os almanaques eram editados no ano anterior ao qual se destinavam, estando no mercado editorial geralmente em setembro ou outubro. Assim, o primeiro *Kalender für die Deutschen in Brasilien* veio a lume em fins de 1880.

(DREHER, 2003, p. 84). A essas metas atribuídas aos seus textos literários, Dreher ainda acrescenta que o teólogo “jamais deixava de, concomitantemente, apelar a seus leitores para que zelassem por seu caráter germânico e sua língua, preservando-os” (DREHER, 2003, p. 84). Esse caráter engajado da literatura de Rotermund também foi apontado por Gérson Neumann ao enfatizar que sua produção literária “tenta transmitir ao leitor conceitos morais cristão-evangélicos” (NEUMANN, 2010, p. 74). No intuito de atingir essas finalidades, Rotermund procurava estabelecer uma ligação estreita com o público leitor por meio da identificação, uma vez que nos contos seus “motivos eram tomados diretamente da vida dos colonos e de seu ambiente no Rio Grande do Sul” (DREHER, 2003, p. 84).

Cabe lembrar que Rotermund, na segunda metade do século XIX, foi um dos escritores representativos da literatura de expressão alemã produzida no Brasil, ou seja, uma produção literária em idioma alemão, de diversos gêneros e temáticas, escrita, em sua maior parte, por alemães e por pessoas originárias de localidades de fala alemã na Europa que, a partir de 1850, emigraram para o Brasil e aqui se radicaram em diversas localidades. Desse grupo de autores pioneiros ainda fazem parte Carl von Koseritz (1830-1890), Carl Jansen (1829-1889) e Emil Schlabitz (1842-1927) (KUDER, 1936-1937; HUBER, 1993; GRÜTZMANN, 2008).

3 A TRANSTEXTUALIDADE E A BUSCA DA SONHADA FELICIDADE

Em *Das Glück*, a narrativa inicia no começo de uma noite de verão no sul do Brasil com a descrição e avaliação do narrador da sua “impressionante beleza” (ROTERMUND, 1997, p. 122), que ele atribui à lua brilhante em um céu desprovido de nuvens, cujos “raios suaves se colavam em árvores e folhas e refrescavam o que o escaldante astro do dia havia fatigado” (ROTERMUND, 1997, p. 122); ao vento suave da noite que “expulsou o último calor que buscara refúgio em lugares sossegados e nas moradias e esgueirou-se quase que sussurrando através das palmeiras” (ROTERMUND, 1997, p. 122); à vegetação e aos insetos, pois “flores e ervas exalavam novamente seu odor doce e aromático, e os grilos cantavam sua seresta” (ROTERMUND, 1997, p. 122). A vivência dessa noite meridional em sua rara beleza faz o narrador questionar-se a respeito do seu efeito sobre as pessoas: “Será que o ser humano pode pensar em dormir, e perdê-la? Será que com sua pressurosa atividade lhe é permitido perturbar o descanso geral?” (ROTERMUND, 1997, p. 122). Ao vislumbrar um vulto debruçado sobre o parapeito de uma janela, o narrador confirma a sua hipótese: “vejo que o feitiço da noite também

está a te envolver. É chegado o tempo de sonhar. A paz da noite despertou os sonhos, e a carta em tua mão dá-lhes a primeira direção” (ROTERMUND, 1997, p. 122).

Além de a noite envolver o vulto à janela, ela também está em consonância com o estado de espírito desse sujeito. A descrição da natureza meridional e o questionamento levantado acerca de seu efeito servem como introdução para iniciar a narrativa acerca da busca pela felicidade de um jovem professor alemão, quem, no presente da narração já está em idade avançada. Ao longo do conto, a natureza e suas modificações nessa noite de verão atuam, no presente da narração, como pequenas molduras, à semelhança da abertura do conto, que antecedem cada fase da trajetória da personagem em busca da felicidade.

Além disso, cada variação dessa atmosfera noturna de verão serve para caracterizar os sentimentos do outrora jovem alemão em sua jornada e o aprendizado dela decorrente. Esse diálogo estreito entre natureza e estado de ânimo da personagem também evidencia a presença da arquitextualidade, uma vez que ocorre a retomada de uma das grandes diretrizes do Romantismo a partir da matriz alemã: a relação estreita entre a natureza e o estado de ânimo da personagem, ou seja, “o entrosamento da individualidade orgânica da Natureza com a individualidade singular do homem” (NUNES, 1985, p. 58).

No instante em que o narrador vislumbra na mão do vulto à janela uma carta da antiga *Heimat*, escrita pela irmã, ele principia com a narração da primeira fase da personagem, ainda na Alemanha, na qual o esplendor de terras estranhas teve um papel significativo, similar ao início da noite de verão em que a história é narrada. O velho professor, agora debruçado à janela, quando jovem, deixou sua *Heimat* alemã, que ficara estreita demais para ele porque fora acometido, segundo o narrador, do “impulso obscuro, que já confundiu muita pessoa [que] tornara o jovem cheio de vida, melancólico” (ROTERMUND, 1997, p. 122).

Esse impulso mencionado pelo narrador constitui outro aspecto da arquitextualidade em *Das Glück*, também de teor romântico. A personagem está acometida da *Sehnsucht* romântica, ou seja, tomado “por um anelo indefinível, perseguindo com ardente desespero um ideal abscôndito e distante, buscando angustiosamente a verdade que [lhe] poderia iluminar o abismo da vida” (AGUIAR E SILVA, 2006, p. 545). A melancolia do jovem também evidencia outro traço romântico: o mal do século, indefinível doença, que “exprime o cansaço e a frustração resultantes da impossibilidade de realizar o absoluto” (AGUIAR E SILVA, 2006, p. 547).

Nessa primeira fase, marcada pela decisão de emigrar para o Brasil, a intertextualidade manifesta-se por meio da citação “senhor pai, senhora mãe, que Deus vos proteja! Quem sabe

como em terra estranha será minha sorte?” (ROTERMUND, 1997, p. 122). Trata-se de versos do poema *Der Mai ist gekommen* [Chegou o maio] (1842), do autor alemão Emanuel Geibel (1815-1884), que são inseridos como isotopia metafórica, pois ilustram a situação familiar em que um jovem, disposto a emigrar, despede-se de entes familiares queridos e se indaga a respeito do seu futuro longe da *Heimat*. Além disso, o excerto alude, nesse ponto da narrativa, ao elemento religioso responsável pela redenção do jovem após uma longa jornada, tema central de *Das Glück*.

Ainda nesse contexto de reflexão, despedida e ambivalência de sentimentos, no último dia antes da partida, o jovem sente grande dor no coração em deixar o seu querido mundo. Segue-se a isso o intertexto: “Por que errar em terra estranha?/Vê, o bem está tão perto!/Aprende apenas a prender felicidade,/Pois a felicidade sempre aí está!” (ROTERMUND, 1997, p. 123). Trata-se da citação do poema *Erinnerung* [Recordação] (1827), de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), que sofreu uma transformação imanente a partir da “interversão da situação enunciativa. Sendo estável o teor do discurso, muda o alocutório” (JENNY, 1979, p. 41). Em vez de “Pretendes continuar sempre a errar no distante?”, primeiro verso de *Erinnerung*, Rotermund transforma esse verso em “Por que errar em terra estranha?” (ROTERMUND, 1997, p. 123). A modificação não afeta o teor do poema que continua a tematizar a busca da felicidade, mas, em vez de questionar o desejo constante de ir cada vez mais longe, o verso de Rotermund direciona essa pergunta especificamente à terra estranha, ao exterior.

Essa alteração operada no primeiro verso do poema de Goethe gera um questionamento, que visa a colocar em xeque a atitude do jovem de buscar fora da terra natal o que ele entende por felicidade. O poema, pela sua afirmação contundente de que a felicidade está sempre perto, é utilizado, de certo modo, como uma censura a essa busca no exterior ensejada pela personagem, atuando também, no início da narrativa, como uma forma de admoestação para os leitores, além de antecipar a intenção pretendida pela história em curso.

Na sequência da narrativa, o poema de Goethe leva o jovem a questionar o sentido dessa felicidade em sua *Heimat*. Esta não lhe servia, pois ele “queria ver o mundo e seus tesouros, lá onde o sol poente tinge as nuvens vivaz, onde não se sabe de gelo e neve, onde viceja a céu aberto o que aqui mal pode ser criado na estufa – lá a vida deveria ser totalmente diferente” (ROTERMUND, 1997, p. 123). Essa busca do jovem por terras estranhas, motivada pelo desgosto da realidade circundante, sinaliza outro traço romântico de sua personalidade: a evasão

no espaço que “conduz ao exotismo, ao gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos” (AGUIAR E SILVA, 2006, p. 549). O poema de Goethe também desencadeia no jovem uma reflexão concernente aos aspectos aprazíveis de sua *Heimat*, percebendo “como era acolhedor o fresco bosque, assentado sobre o banco de musgos que a irmã encomendara” (ROTERMUND, 1997, p. 123). Nesse lugar, tomado de sentimentos e pensamentos contraditórios, acompanhado do vento que sussurrava nas faias e fazia ruído nas folhas secas no chão, o jovem reflete a respeito de sua provável condição após abandonar a *Heimat* e a pátria [*Vaterland*], chegando à seguinte conclusão sobre si mesmo: “assemelhas-te à folha que se separa da árvore, e que brinca com o vento” (ROTERMUND, 1997, p. 123).

Nesse momento, o vento traz ao jovem uma tira de papel rasgada, lançada fora pela irmã, na qual ele lê: “O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 123). São os dois últimos versos do poema *Zurück* [De regresso] (1808), do escritor alemão Georg Phillip Schmidt von Lübeck (1766-1849), nos quais o eulírico sentencia que no mundo há muita coisa aprazível, mas ele é incapaz de oferecer felicidade ao ser humano. Aqui a citação é motivada do ponto de vista narrativo porque o ambiente é propício ao movimento de folhas e a personagem está em situação de leitura.

Trata-se, assim, de uma isotopia metonímica que possibilita a continuação do fio narrativo, mas também de uma isotopia metafórica que reafirma esse contexto de questionamento e de busca. Ao ler esses versos, o jovem acredita que o poeta assim escreveu por não conhecer o mundo, mas ele está convicto de que, ao ir para o estrangeiro, encontrará a felicidade, partindo, no dia seguinte, em direção ao Brasil. Esses dois versos de von Lübeck se repetem ao longo das diferentes fases da vida do jovem, assumindo esse intertexto a condição de aforismo, que visa a atuar como admoestador para as atitudes da personagem, mecanismo de constante reafirmação do tema de *Das Glück* e também de guia de conduta para os leitores.

A segunda fase da trajetória do jovem alemão é narrada em um momento da noite de verão, quando “os raios da lua cintilavam no rio que passava; nuvem clara pairava no horizonte; as palmeiras sussurravam com mais força” (ROTERMUND, 1997, p. 123). O narrador vale-se dessa atmosfera noturna porque ela é similar àquela que acompanhou o jovem durante a sua travessia para o Brasil, pois “houvera sussurros em torno da quilha do navio que o trouxera para cá, assim a luz tremera sobre as ondas do mar, assim ele, muitas vezes, erguera seus olhos para o céu que se tornava sempre mais claro” (ROTERMUND, 1997, p. 123). Durante a travessia do Atlântico, muitas vezes, ele sentiu-se solitário e chorou quando o navio se afastava cada vez

mais dos últimos resquícios da Europa. Ao deitar e ouvir o mar rugir, não conseguia tirar de sua mente as palavras que lera no jardim de casa: “O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 124). Aqui esse intertexto apresenta-se como isotopia metafórica que reacentua esse contexto de questionamento da saída da *Heimat* e de busca pela felicidade em terras deslumbrantes no estrangeiro.

No entanto, o sentimento de pesar do jovem desaparecia e seus olhos brilhavam na esperança de encontrar a felicidade quando ele “voltava a admirar a riqueza das cores do céu na hora do pôr-do-sol, quando o coração se dilatava ao olhar as plásticas formações das nuvens, que flutuavam no espaço celeste tão diáfanas como uma poesia e tão firmes como blocos de mármore” (ROTERMUND, 1997, p. 124). O jovem chegou bem ao Brasil e, depois de muito procurar, encontrou colocação como professor em uma pequena cidade, profissão que ainda exerce no presente da narração.

A terceira fase do percurso do jovem professor em busca da felicidade é narrada no momento em que “o vento trazia o odor de rosas, silenciosas sussurravam as palmeiras, como se cantassem canção de amor e de felicidade” (ROTERMUND, 1997, p. 124). Atmosfera essa semelhante ao seu passado porque “fora em uma noite calma e tranquila como esta que retornara, pela primeira vez, para sua morada solitária com um pressentimento de felicidade indescritível” (ROTERMUND, 1997, p. 124), decorrente de uma visita que fizera ao pai de um de seus alunos. Nessa ocasião, encontrara na sala da casa a filha do casal, sem nome na narrativa, a ler um livro, cujas páginas ficaram abertas, quando a jovem deixou o volume sobre a mesa para comunicar à família a presença da visita. O jovem professor, curioso, aproxima-se do livro e lê na íntegra o poema *Zurück* de von Lübeck.

Nele, na primeira estrofe, o eu-lírico rememora sua vivência acolhedora da natureza, comparada à figura materna: “Repousava em teu seio materno,/Teu filho adotivo, natureza;/O canteiro de flores era meu prazer,/A campina meu mundo” (ROTERMUND, 1997, p. 124). A segunda estrofe tematiza a busca do eu-lírico pela sua *Heimat* e a ausência de bênçãos no estrangeiro: “Para onde, para onde foste, meu paraíso?/Onde hei de te reencontrar?/Desde que deixei o vale da paz,/Tua bênção me deixou” (ROTERMUND, 1997, p. 124). Na terceira estrofe, o eu-lírico expressa a sua condição de errante e sua saudade da *Heimat*, afirmando que não encontrou a felicidade em sua jornada: “Sigo errante pelo mundo/E sinto saudade;/O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 124). A citação na íntegra do poema *Zurück*, de von Lübeck, atua como isotopia metonímica que dá

continuidade ao fio narrativo, já que o livro fica aberto sobre a mesa e a personagem passa a lê-lo, mas também como uma isotopia metafórica que reafirma a condição emocional do professor, pois ele, depois de ler os versos, “recuou, profundamente comovido” (ROTERMUND, 1997, p. 124).

Ele estava com saudade da *Heimat*, e, ao contrário do que imaginara, o poeta conhecera, sim, o mundo, e expressara de modo claro o que ele não queria admitir, ou seja, “abandonara o vale da paz, a casa paterna. Ali eras feliz! Disse-lhe voz interior. Que tens agora? Estranho em terra estranha, e a querência tão distante!” (ROTERMUND, 1997, p. 124). A leitura de *Zurück* também dá seguimento à narrativa porque é o ponto de partida para a aproximação e a conversa entre os dois jovens durante a qual o professor, pesaroso, dá vazão aos seus sentimentos saudosistas. Depois dessa visita, o professor estabelece uma relação estreita com a família da moça. Paulatinamente, ele percebe que a imagem da *Heimat* alemã se desvanece e vislumbra a possibilidade de aqui encontrar uma nova *Heimat*, notadamente quando os grandes olhos sonhadores da jovem repousavam sobre ele nas horas das despedidas.

Em uma dessas visitas habituais à família, o professor encontrou outra vez a moça em suas costumeiras leituras, e, curioso, pede-lhe o livro que estava a ler. Ela reticente entrega-lhe o volume e sai ruborizada da sala, e o jovem passa a ler o poema *Die Heimat* [A terra natal] (1856), do escritor alemão Emil Rittershaus (1834-1897), citado na íntegra no conto. Na primeira estrofe, o eu-lírico questiona-se acerca da essência da *Heimat*: “O que é a querência? Será o torrão,/ Sobre o qual se ergue a casa de teu pai?/É aquele local, onde por primeiro/Viste o sol, a luz do mundo?” (ROTERMUND, 1997, p. 125). Na sequência, o eu-lírico afirma que a *Heimat* existe apenas onde há um sentimento afetivo mútuo: “Não, não, jamais o será,/Não é a querência [*Heimat*] muito amada./A querência só encontrarás,/Onde houver almas afinadas!” (ROTERMUND, 1997, p. 125).

Na parte final, a *Heimat* é definida em termos de relações de pertencimento, baseadas no afeto, ainda que o lugar de nascimento esteja localizado em outras paragens: “A querência é, onde com alegria/Se te recebe, não se te quer deixar partir./Ela o é, mesmo que em lugar distante/A mãe cantou tua canção de ninar” (ROTERMUND, 1997, p. 125). A citação desse poema figura na narrativa como uma isotopia metafórica que traduz os anseios da personagem desde o momento de sua partida da casa paterna, já que ele vive em constante busca da felicidade, e também de uma *Heimat*. Em sua parte final, o poema também alude aos sentimentos que unem os dois jovens, revelados na sequência da narrativa. Sozinhos sob a

parreira, depois de um beijo, os dois firmam um compromisso de noivado, aliança imediatamente abençoada pelos pais.

Ainda dentro desse clima de felicidade, no verão, os noivos enamorados conviveram estreitamente, e “as palmeiras sussurravam em seus sonhos” (ROTERMUND, 1997, p. 126). Cavalgaram juntos e, em um dia, “quando a sombra refrescante da mata os envolvia e o sabiá cantava seu hino” (ROTERMUND, 1997, p. 125), a noiva, em tom de brincadeira, recita os versos de von Lübeck: “O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 126). Essa citação constitui-se em uma isotopia metonímica porque dá continuidade ao fio da narrativa. Visivelmente irritado, o professor, em resposta à galhofa da noiva, pede-lhe que deixe o poeta em paz, pois “somente é feliz a alma que ama” (ROTERMUND, 1997, p. 126), acrescentando que a felicidade acontece quando os enamorados podem dizer-se: “Agora tu és o meu mundo!” (ROTERMUND, 1997, p. 126, aspas do autor), como é o caso deles. A citação realçada pelas aspas simples é um verso do poema “*Ich sprach: Du bist nun meine Welt*” [Eu falei: Agora tu és meu mundo] (1841), do poeta alemão Friedrich Rückert (1788-1866), que na narrativa exerce a função de isotopia metonímica, pois dá prosseguimento ao diálogo estabelecido entre os noivos. O verso atua também como isotopia metafórica, já que explicita o sentimento do professor, pois ele está convicto de que enfim alcançara no amor pela jovem a sua tão almejada felicidade.

Essa certeza de que o amor é o único sentimento capaz de dar sentido à existência é reforçada por meio da citação de uma estrofe inteira do mesmo poema de Rückert: “Meu amigo, neste mundo só há/Amor, amor, só amor;/E se ele não te segurar,/O mundo estará perdido” (ROTERMUND, 1997, p. 126). Essa ideia ainda é complementada pela intrusão do narrador: “E quem teria duvidado que o amor não os estivesse a segurar? O amor é forte como a morte. Como a morte!” (ROTERMUND, 1997, p. 126), comentário esse prenunciador do teor dos próximos eventos da narrativa.

A narração da quarta fase do jovem em sua busca da felicidade inicia quando “nuvens escuras passaram lentamente sobre a lua e sua luz tornou-se mais fraca; o vento parara e as palmeiras não sussurravam mais” (ROTERMUND, 1997, p. 126), que no presente da narrativa interrompem os devaneios felizes do velho professor e aludem aos acontecimentos vindouros. Findos o verão e inverno, veio a época das chuvas fortes, em que riachos e rios transbordaram, inclusive o “rio, que agora corre tão calmo no leito fundo, enfureceu-se e inundou boa parte da cidade” (ROTERMUND, 1997, p. 126). Devido a isso, muitas famílias foram obrigadas a

abandonar suas casas, gerando sofrimento e dor, e o jovem professor, em função desses acontecimentos tristes, também se questionou a respeito do sentido da felicidade. Nesse momento, em situação de isotopia metafórica, ocorre a citação dos versos de von Lübeck: “O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 126). Na sequência, o professor reflete ainda acerca do sentido da felicidade, que pode rapidamente se metamorfosear em sofrimento e lágrimas, razão pela qual ele gostaria de se consolar com as palavras do poeta: “Não pergunte o que o destino/Preparou para amanhã;/O momento é nosso;/Gozemo-lo!” (ROTERMUND, 1997, p. 126).

Essa estrofe, na função de isotopia metonímica e metafórica, origina-se do poema *Unbekümmert* [Despreocupado] (1841) de Friedrich Rückert. Mobilizado por esses versos, o professor preocupa-se com a sua felicidade e o seu destino, e, a fim de dissipar seus temores, dirige-se, em canoa, à casa da noiva cercada pelas águas. Como tudo ao redor estava submerso, a família da noiva e o jovem professor, da mesma maneira que outras pessoas, decidiram passear de canoa no imenso espelho d’água. Seguro de sua felicidade, o jovem, ao ir embora da casa da noiva à noite, aceita a sugestão do futuro sogro de todos embarcarem na canoa e realizarem um passeio à luz do luar. Com os olhos do jovem repousados nos da sua amada, ele e a família partiram, mas, logo em seguida, o vento começou a soprar forte, e a canoa bateu forte em um poste mal coberto pelas águas. A canoa virou e a noiva, com o vestido preso em duas roseiras, morreu afogada.

No momento em que o velho professor rememora esses acontecimentos, o vento continuava quieto, em uma atitude similar à da personagem, que “quer segurar para sempre a imagem na qual a amada tão querida e cordial, tão amável e confiante olhava para ele, e ele, em sua alegria, a remar com sempre maior vigor” (ROTERMUND, 1997, p. 127). Com o falecimento da noiva, finda em *Das Glück* a primeira parte da busca do professor pela felicidade, que, na sequência passa por um périplo de sofrimentos até encontrar o sentido da vida terrena.

4 A TRANSTEXTUALIDADE E O ENCONTRO DA VERDADEIRA FELICIDADE

A narração da quinta fase da busca da felicidade pelo jovem começa quando “o luar quase escurecera por trás das nuvens, nenhum grilo cantava, nenhuma folha se movia, na distância relampejava” (ROTERMUND, 1997, p. 128), atmosfera essa que representa o estado

de ânimo da personagem. Esse é reforçado, na função de isotopia metafórica, pelos seguintes versos: “O mundo tem muita coisa que agrada... Oh não!... o mundo estará perdido” (ROTERMUND, 1997, p. 128). O primeiro verso procede do poema *Zurück* e “o mundo estará perdido” origina-se de *Ich sprach*, poema de Rückert, produções já mencionadas, em que a interpolação do “Oh não!” reforça a situação em que se encontra o professor, uma vez que, com a morte da noiva, o seu mundo e as sonhadas felicidade e *Heimat* desapareceram. Os dias de luto do professor foram alimentados com lágrimas, e os amigos procuraram consolá-lo, mas sem sucesso porque não havia substitutivo para a amada, em torno da qual girava a sua vida.

Depois de muito tempo, ele esboçou um sorriso e mais tempo levou para pensar: “o mundo tem muita coisa que agrada” (ROTERMUND, 1997, p. 128), verso de von Lübeck, que como isotopia metonímica dá prosseguimento ao fio narrativo e, como isotopia metafórica, dialoga com a leve mudança no ânimo do professor. Ele peregrinou pelas praias, pelas serras e pelas colônias alemãs, conheceu paisagens encantadoras e pessoas cordiais. No entanto, ele não podia esquecer aquela fatídica noite e nem conseguia tirar de seu coração a lembrança da amada. O narrador, por sua vez, em uma intrusão questiona o fato de o professor, ainda que entregue ao sofrimento, não conseguir encontrar paz interior. O jovem ensaiou novamente abrigar a paz, atitude reforçada pela seguinte citação: “Cansei da agitação!/Por que a dor, prazer?/ Paz, doce paz,/vem, toma conta de meu peito!” (ROTERMUND, 1997, p. 128). Trata-se dos quatro últimos versos do poema *Der du von dem Himmel bist* [Tu que és do céu] (1776), de Johann Wolfgang Goethe, que, na narrativa de Rotermund, atuam na condição de isotopia metonímica, já que expressam o desejo incipiente da personagem, mas que não se realiza.

De coração vazio, o professor não acreditava mais em poder acalantar o desejo de paz e felicidade. Situação que o narrador, por meio de uma intrusão, sentencia como negativa, pois, segundo ele, “só a ideia de que alguém possa estar sem esperança e sem paz põe o ser humano à beira da loucura ou do desespero. E a paz não pode ser caçada” (ROTERMUND, 1997, p. 129). Perdido em seus pensamentos e amargurado por não encontrar paz, o professor externa esse seu estado por meio dos versos: “Venho da montanha,/Murmura a torrente, ruge o mar;/ Ando em silêncio, pouco me alegro,/E sempre o queixoso pergunta: onde?” (ROTERMUND, 1997, p. 129). O primeiro verso origina-se da primeira estrofe do poema *Des Fremdlings Abendlied* [Canção noturna do forasteiro] (1821) de Georg Philipp Schmidt von Lübeck; e os outros dois versos procedem do final da sua quarta estrofe. O verso “murmura a torrente, ruge o mar” não pertence ao mencionado poema, tendo sido inserido por Rotermund no texto

original, uma vez que o segundo verso da primeira estrofe de *Des Fremdlings Abendlied* é “o anoitecer paira sobre mata e mar”. Assim, esse poema de von Lübeck sofreu uma mudança de nível de sentido que ocorre quando “um esquema semântico é retomado no contexto num novo nível de sentido” (JENNY, 1979, p. 43). Em seu novo sentido, a citação do poema no conto de Rotermund atua como isotopia metonímica que dá continuidade ao fio da narração e também como isotopia metafórica, já que seu teor diz respeito ao estado de ânimo, aos sentimentos e à busca do professor, bem como introduz a sequência narrativa.

No transcorrer da noite de verão, a narração da sexta fase do professor em busca da felicidade, prossegue quando “rugindo, o vento passou pelas palmeiras, a tempestade escureceu o céu ocidental; coruscando, os raios quebraram a escuridão e de longe troava o trovão” (ROTERMUND, 1997, p. 129). O velho professor, ao observar a tempestade, lembra-se do seu infrutífero engano juvenil em busca da felicidade, semelhante ao movimento da intempérie, e sorri. Outrora, ao responder à pergunta acerca do lugar da felicidade, não sorria, mas respondera: “Onde não te encontras, ali está a felicidade” (ROTERMUND, 1997, p. 129). Esse intertexto, na função de isotopia metonímica e metafórica, é o verso final do poema *Des Fremdlings Abendlied*, de von Lübeck, que não dá apenas continuidade ao fio narrativo, mas também sintetiza esse anelo do professor. Similar à intempérie, o jovem outrora também sangrava porque a felicidade não se encontrava no lugar em que ele estava. Por isso, ele não “conseguia entender que o sabiá ainda cantasse e que o regato ainda sussurrasse e a rosa ainda soltasse odores” (ROTERMUND, 1997, p. 129).

Essa falta de percepção, decorrente dos sentidos turvados pela morte da amada, é reforçada pela citação, na condição de isotopia metafórica, dos versos: “De que me adiantam flores e cantos de pássaros!/Tu me fazes falta, faltas-me em toda parte” (ROTERMUND, 1997, p. 129). Eles procedem de um poema do poeta alemão August Heinrich Hoffmann von Fallersleben (1798-1874), musicado por Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847), quem deu-lhe o título de *Andenken* [Lembrança] (1839-1844).

Pesaroso e desiludido, o professor colheu os dois botões de rosa entreabertos da roseira que prendera o vestido da noiva no naufrágio, levando-os à sepultura da amada. Na lápide, o pai mandara gravar o epitáfio: “No mundo passais por aflições;/ Mas tende bom ânimo,/Eu venci o mundo” (ROTERMUND, 1997, p. 129), que, em sua condição de isotopia metonímica, é motivado pela narrativa. Esse intertexto é uma palavra do Evangelho de João, capítulo 16, versículo 33 (A BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 120) que, em sua condição de isotopia

metafórica, expressa a mensagem religiosa central que *Das Glück* pretende transmitir aos leitores, intenção essa ainda visível no tratamento gráfico diferenciado dado ao versículo, que, originalmente, está em negrito no corpo da narrativa. Ao ler este versículo bíblico, o professor espantou-se, e voltaram-lhe à mente os versos “o mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha” (ROTERMUND, 1997, p. 129), que lera na folha de papel no jardim da casa paterna. Esses versos, na condição de isotopia metonímica dão seguimento ao fio narrativo e, como isotopia metafórica, dialogam com o texto bíblico e com a situação do jovem. Depois dessa leitura, ele conclui, junto à sepultura da noiva que a felicidade foi-se para sempre, sendo a morte o único modo de vencer o mundo, como acontecera a sua amada.

Esse pensamento do professor é expresso, na função de isotopia metafórica, por meio da citação da última estrofe do poema *Das Grab* [O túmulo] (1793), do poeta suíço Johann Gaudenz Freiherr von Salis-Seewis (1762-1834): “O pobre coração na terra,/Por muito tufão movido,/Encontra verdadeira felicidade,/Só quando não mais bater” (Rotermund, 1997, p. 130). Percebe-se aqui também a presença da arquiteitualidade, pois essa vontade do jovem possui características românticas, ou seja, a presença do mal do século, corporificado no desejo de morrer como forma de evasão da realidade.

A narração da sétima fase da trajetória do jovem prossegue no instante em que “a tempestade sacudia as palmeiras, o trovão roncava e os raios iluminavam o céu” (ROTERMUND, 1997, p. 130). Essa natureza horrenda, de traços românticos, reproduz o estado de ânimo da personagem no passado, pois “assim, antes, a tempestade roncava em seu interior. E quando na noite de sua amargura se iluminava, não era a calma luz de uma estrela, mas relâmpago brusco, quente” (ROTERMUND, 1997, p. 130). Ainda junto ao túmulo da amada, o jovem continua a pensar em morrer, desejo que se assemelha a um raio quente em sua alemã, e imagina a cena do seu próprio enterro, como um lampejo em sua alma, ouvindo os amigos dizerem: “Peregrino, cansado, estás em casa!” (ROTERMUND, 1997, p. 130). Esse intertexto, na condição de isotopia metonímica e metafórica, procede do poema *Des Baches Wiegenlied* [Canção de ninar do riacho] (1818), de Wilhelm Müller (1794-1827). Apesar de seu sofrimento, o professor arrepende-se desse ato e envergonha-se profundamente de sua covardia, decidindo lutar com hombridade.

Imbuído desse ideal, o jovem cumpriu a promessa feita à amada no túmulo, declinando da felicidade e da alegria porque acreditava que, por meio do cumprimento do dever, alcançaria a paz. Passou a morar com os pais da falecida noiva, porém não entendia de onde vinha o

consolo deles. O trabalho trazia-lhe alento, mas não aliviava a pressão interna e nem proporcionava paz, condição que nele despertou a vontade de seguir o conselho do poeta: “Nos espaços santos, silenciosos do coração,/Refugia-te das pressões da vida!” (ROTERMUND, 1997, p. 130). Essa citação, na função de isotopia metonímica e metafórica, origina-se do poema *Der Antritt des neuen Jahrhunderts* [A chegada do novo século] (1801), do escritor alemão Friedrich Schiller (1759-1805). No entanto, o coração do professor não oferecia essa possibilidade de refúgio, razão pela qual começou a sentir prazer em se desgastar, o que lhe causou uma profunda fraqueza, incapacitando-o de sair do quarto.

Certo dia, em conversa com o professor doente, o pai da falecida noiva afirmou-lhe que um médico dificilmente poderia curá-lo, mas talvez ele pudesse ajudá-lo. Convencido de que em breve superaria tudo, o professor ouviu em silêncio as considerações do pai. Para ele, o jovem lutara com bravura, mas não vencera o mundo porque aprisionara seu coração com algemas e acreditara que a paz residia em prisões e cadeias, permanecendo, assim, com seu sofrimento e vazio interiores. Cansado e desolado, o professor indagou a respeito do que o mundo poderia oferecer-lhe, na medida em que ele vira o mundo e experimentara seus bens. Após esse questionamento, os versos “O mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha”, de von Lübeck, são citados, atuando como isotopia metonímica e metafórica, que, por um lado, possibilitam dar continuidade à narração e, por outro, representam o tema da conversa entre os dois.

O pai explicou-lhe que o mundo não pode proporcionar a paz, mas apenas oferecer inquietações, originando-se a verdadeira paz de Cristo, o único a vencer o mundo, conforme a inscrição na lápide do túmulo de sua filha. Ao exortá-lo a abandonar sua luta infrutífera, o pai da noiva entrega-lhe uma Bíblia, na qual se lê: “Deixo-vos a minha paz, dou-vos a minha paz; não a dou como o mundo a dá” (ROTERMUND, 1997, p. 131). Essa citação, em função de isotopia metonímica e metafórica, procede também do livro de João, capítulo 14, versículo 27 (A BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 118). Esse intertexto não dialoga apenas com o clímax da narração, mas também com o poema *Zurück* e com todo o conto, uma vez que ele sintetiza o tema da obra, que o professor não compreendeu desde a leitura dos versos de von Lübeck no bosque da casa paterna, mas que o narrador tenta evidenciar ao leitor desde o início da narrativa.

A última etapa da busca pela felicidade do jovem é narrada no momento em que a chuva se precipita sobre a terra, situação semelhante ao passado da personagem: “assim como a chuva agora caía sobre a terra sedenta e refrescava tudo o que o sol torrara; assim como as gotas

beijavam a alta palmeira e o pequeno pé de capim: com o mesmo frescor as palavras do pai caíram sobre o seu coração ressequido” (ROTERMUND, 1997, p. 131). A busca pela felicidade que ele perseguia desde a saída da Alemanha acabou quando ele recebeu de presente a Bíblia e entendeu o significado do legado de Cristo. Assim, finalmente encontrara descanso e paz bem-aventurada “e, somente agora, sabia o que era a felicidade, pois conhecia a alegria que ninguém nos pode tirar, nem mesmo a morte. Sua felicidade não provinha do mundo, mas daquele que vencera o mundo” (ROTERMUND, 1997, p. 131). A partir da leitura da Bíblia e das referências às palavras sagradas efetuadas pelo pai da noiva em suas visitas ao enfermo, às quais se somavam admoestações com amor, o jovem recobrou a vontade de viver. Desde então, carregava consigo a felicidade e encontrava-a em toda a parte, alegrando também outras pessoas. Uma vez curado, transplantou a roseira para o túmulo da noiva.

Em *Das Glück* a narração ulterior se encerra, como ocorre em outras narrativas assim conduzidas, “com a enunciação de um presente, termo de chegada de um devir evocado a partir da posição de ulterioridade do narrador que no final do seu relato adota um tom de conclusão epigonal” (REIS; LOPES, 1987, p. 248). Ao encerrar a sua narração, o narrador menciona a última fase da vida do professor, comparando-a ao estado da natureza após a passagem da tempestade: “o brilho prateado da lua enchia montes e vales, os grilos cantavam novamente, as plantas molhadas respiravam perfumes fortes, e as palmeiras murmuravam silenciosas e calmas” (ROTERMUND, 1997, p. 132). Ao concluir a narrativa, o narrador sublinha a exemplaridade dessa velhice usufruída em paz e felicidade como forma de reforçar a mensagem religiosa do texto. Para o narrador, “quem a experimentou tem alma pura e harmoniosa. Aí a gente gosta de se espreguiçar, entregar-se aos cuidados do Deus fiel e cerra os olhos cansados. Na manhã seguinte, a gente desperta alegre” (ROTERMUND, 1997, p. 132).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da transtextualidade, especialmente da intertextualidade e da architextualidade, em *Das Glück* evidencia uma série de diálogos. Os intertextos inseridos na tessitura da narrativa literária estabelecem uma continuidade temática com o narrado. Percebe-se que essa inserção visa a reforçar, por meio da linguagem poética e religiosa, os sentimentos e a trajetória do professor em busca da felicidade, constituindo-se um fator de adensamento da temática. Além disso, a repetição de intertextos que reduplicam o narrado possui também uma

função persuasiva que, visa por meio da similaridade de sentidos, a atuar sobre os leitores de modo a não deixar margem para dúvidas em relação ao narrado. Isso evidencia-se, sobremaneira na repetição dos versos “o mundo tem muita coisa que agrada,/Mas a felicidade lhe é estranha”, que ao longo do conto adquirem a função de *Leitmotiv*. Alia-se a isso a arquiteitualidade no que tange ao gênero com o qual o conto de Rotermund dialoga: o *Bildungsroman* [Romance de formação], que, na Alemanha, teve como modelo *Wilhelm Meisters Lebensjahre* [Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister] (1795/96). De acordo com Petra Gallmeister, o *Bildungsroman* “gira em torno de uma pessoa jovem, que busca clareza acerca de si mesmo e do mundo, e que pretende coletar as primeiras vivências da realidade (GALLMEISTER, 1991, p. 38).

No que tange à temática, esse gênero de romance “tematiza os conflitos de uma figura com diversos níveis da realidade, e acentua a tensão entre sujeito e mundo, entre ideal e realidade” (GALLMEISTER, 1991, p. 38), e tem como meta “a formação [*Bildung*] do herói ou do leitor, em que a formação designa a finalidade, o ponto final do desenvolvimento, bem como o caminho para tal” (GALLMEISTER, 1991, p. 39). A partir dessas noções, nota-se que o jovem professor imbuído de um ideal de felicidade emigra para alcançá-la, percurso durante o qual é confrontado com diversas facetas da realidade que colocam em xeque suas convicções, ao final do qual alcança a compreensão do significado da felicidade, estando, agora, ele, assim como os leitores, apto a viver de acordo com a sua nova formação, que concilia realidade e ideal.

Ainda no que toca à arquiteitualidade, existe o diálogo com o Romantismo, uma vez que a personagem masculina do conto de Rotermund apresenta traços românticos que se evidenciam na correlação entre estado de ânimo e natureza, o infinito anelo, o mal do século, a evasão no espaço por meio do exotismo e da morte, particularidade que reforça por outro ângulo o efeito de amplificação da narrativa. A presença dessa arquiteitualidade ainda sinaliza a filiação de Rotermund ao romantismo alemão, questão já aventada por Dreher (2003).

Ainda que *Das Glück* estabeleça esses diálogos arquiteituais com o romantismo e o gênero romance de formação e intertextuais com a literatura alemã e suíça e com o texto bíblico, a intencionalidade desse trabalho transtextual consiste primordialmente em transmitir um ensinamento religioso a partir das vivências e do aprendizado do professor. Essa personagem, por possuir um elo em comum com o público leitor do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, que consiste na sua condição imigratória, provavelmente possibilitaria uma recepção favorável

do conto e, assim, uma atuação⁸ na manutenção da identidade religiosa dos leitores do periódico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da literatura**. 8ª. Ed. Coimbra: Almedina, 2006.

CARVALHAL, T. **Literatura comparada**. 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

A BÍBLIA SAGRADA. Trad. J. F. de Almeida. 2ª. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DREHER, M. N. **Igreja e germanidade**. 2ª. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

FAUSEL, E. D. **Dr. Rotermund**. Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien. São Leopoldo: Verlag der Riograndenser Synode, 1936.

GALLMEISTER, P. Der Bildungsroman. In: KNÖRRICH, O. (Hrsg.). **Formen der Literatur**: in Einzeldarstellungen. 2. Aufl. Stuttgart: Kröner, 1991. p. 38-48.

GENETTE, G. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GREVERUS, I.-M. Wem gehört die Heimat? In: BELSCHNER, W.; GRUBITZSCH, S.; LESZCZYNSKI, C.; MÜLLER-DOOHM, S. (Hrsg.). **Wem gehört die Heimat?** Beiträge der politischen Psychologie zu einem umstrittenem Phänomen. Opladen: Leske + Budrich, 1995. p. 23-39.

GRÜTZMANN, I. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). In: SIDEKUM, A. (Org.). **Às sombras do carvalho**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004, p.177-254.

GRÜTZMANN, I. Literatura de expressão alemã no Brasil em almanaques (1874-1941): uma introdução ao tema. In: SIDEKUM, A.; GRÜTZMANN, I.; ARENDT, I. C. (Orgs.). **Campos múltiplos**: identidade, cultura e história. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, 2008. p. 285-314.

GRÜTZMANN, I.; KUNZLER, E. Literatura de expressão alemã no Brasil: transtextualidade e construção identitária em *Täuschungen* de Wilhelm Rotermund. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau/SC, t. 52, n.4, p.46-82, jul./ago., 2011.

GRÜTZMANN, I. Dr. Wilhelm Rotermund e a *Evangelische Buchhandlung*: opções de leitura em língua alemã de 1877 a 1879. In: SANTOS, A. B.; VARGAS, J. M.; LEAL, E. da

⁸ Cabe lembrar que essa possível atuação sobre os leitores estava novamente disponível a partir de 1917, quando os contos de Rotermund foram disponibilizados, em formato de livro, nos volumes 8, 15 e 24 da coleção *Südamerikanische Literatur* [Literatura Sul-Americana], publicada pela Rotermund & Co. até 1941.

C. (Orgs.). **Fronteiras e identidades**: reunião de artigos do III EIFI. Pelotas: Edições do Autor, 2017. p. 519-528.

HUBER, V. **Saudade e esperança**. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

JENNY, L. A estratégia da forma. In: INTERTEXTUALIDADES. **Poétique 27**. Coimbra: Almedina, 1979. p. 5-49.

LEITE, L. C. M. **O foco narrativo**. 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1985.

NEUMANN, G. Dr. Wilhelm Rotermund – Leben und Werk. **Martius-Staden Jahrbuch**, São Paulo, nr. 57, p. 65-79, 2010.

NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 51-74.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 1987.

ROTERMUND, W. Das Glück. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**, São Leopoldo, p. 29-39, 1882.

ROTERMUND, W. A felicidade. In: _____. **Os dois vizinhos e outros textos**. Trad. M. N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Edições EST, 1997. p. 122-132.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: TOLEDO, D. de (Org.) **Teoria da literatura: formalistas russos**. 4ª. Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. p. 169-204.